



DIRECTOR: JOAQUIM P. MOREIRA DA COSTA • SUBDIRECTOR: JERÓNIMO F. REIS

A PROPÓSITO DA DEMOCRACIA CRISTÃ

DIAS DE NOVEMBRO DE 1965 LOUROSA OCUPADA

Com o pedido de publicação recebemos o seguinte comunicado:

O Partido Socialista defende como via para a solução dos múltiplos problemas que afectam o Povo Português neste momento da vida nacional, a participação das diversas correntes de pensamento sob a forma de organizações partidárias, no absoluto respeito pelas mais elementares normas do leal «jogo democrático». Esse respeito implica, à partida a não utilização por qualquer organização política de designações que, por si só, pressuponham que determinado sector da população tenha nela a sua mais legítima defensora. Tal facto será tanto mais grave, quanto é verdade que as características específicas do nosso Povo indicam que a confusão que tal designação estabelece, vai estender-se a um largo sector de população.

Estes considerandos, e o facto de se ter assinalado na cidade de Espinho a colagem de «sugestivos» cartazes fazendo referência a uma corrente política que se auto-intitula de «DEMOCRACIA CRISTÃ» leva-nos a fazer algumas considerações:

1.º — Dado que a religião cristã é tradicionalmente a da maior parte da população portuguesa, e dado que esta esteve sujeita a um período extremamente longo de obscurantismo, inclusive religioso, o facto de determinado grupo político usar a designação «DEMOCRACIA CRISTÃ» representa um descarado oportunismo político.

2.º — É verdade que a Igreja Católica, como comunidade de homens que é tem por diversas vezes expresso o seu pensar sobre problemas de ordem política-social. Mas, é também verdade que os documentos em que expressa esse seu pensar não constituem uma teoria económica, política ou social, mas única e simplesmente a definição de princípios fundamentais que considera que devem informar o cristão, na sua tomada de posição perante os seus problemas concretos. Significa isto que se

oferecem ao cristão consciente uma multiplicidade de vias, opostas por vezes, para a sua intervenção política e que, de modo algum, uma organização política pode reivindicar ser a mais fiel seguidora da doutrina social da Igreja.

3.º — Desde a eclosão do 25 de Abril, e por mais de uma vez, os sectores mais atentos e conscientes dos cristãos portugueses (os tais que tanto preocupavam o Prof. M. Caetano...) se têm manifestado contra a inclusão na designação de qualquer partido político de referências a qualquer credo religioso.

Cabe pois perguntar porque se mostram tão preocupados em dar um sentido religioso à sua actuação política aqueles cristãos que durante 48 anos de fascismo foram espectadores pacíficos, quantas vezes cúmplices activos, dos mais vergonhosos atropelos aos princípios de igualdade, justiça e paz, veementemente defendidos pela doutrina cristã.

Aguardemos, pois, a definição programática destes cristãos democratas para mais concretamente ajuizarmos da sua democracia e do seu cristianismo. De qualquer modo, tenhamos sempre presente a actuação francamente reaccionária dos partidos ditos «CRISTÃOS DEMOCRATAS» da Europa e da América Latina. Actuando junto de populações nas quais está profundamente radicada uma tradição religiosa, conseguindo por esse facto um grande apoio eleitoral, os democratas cristãos chilenos, por exemplo, prestando inequívoco apoio ao imperialismo norte-americano, contribuíram para que a vida política chilena caísse num impasse de que resultou o derrube pela força do governo de Unidade Popular de Salvador Allende. Esperemos, pois que alguns dos dedos que hoje apontam e dizem «CONSULTA A TUA CONSCIÊNCIA» não sejam os mesmos que há alguns anos nos ordenavam: «VOTA NA LISTA A»!...

Grupo base da Juventude Socialista de Espinho

FIM DE SEMANA • 64

1. (7 de Julho de 1974)
Vimos na TV imagens de um comício efectuado em Lisboa promovido por uma publicação periódica.

Os da TV (marotos!) focaram um cartaz onde se lia:
LEVANTE-MOS.....
Como anda a instrução primária...

2. (7 de Julho de 1974)
Vai sempre grande entusiasmo cá na terra quando o Joaquim Agostinho pedala em estradas de estranha, como se fosse um desinteressado herói desportista a correr pela glória da Pátria.

Agostinho é simplesmente um trabalhador, cujo modo de vida é correr de bicicleta a ver quem chega primeiro. Procura o patrão que lhe paga melhor. Como isso cá no burgo não é ofício que dê para melões, angaria trabalho no mercado de mão de obra (aqui de pé de obra) estrangeiro.

Corre, como profissional, ganhando a vida. Mas corre, não a representar Portugal, mas uma equipa qualquer estrangeira.

Merece, sem dúvida, toda a consideração de que é digno qualquer trabalhador que honra o seu ofício (aqui trata-se de ofício e não de país); esforça-se por cumprir e servir bem o patrão para não perder o emprego e, podendo ser, grangear melhor salário; mas a consideração que merece é a que merecem milhares de trabalhadores portugueses como ele emigrados em busca de salário condigno, que labutam o melhor que podem para acrescentar o peso do seu património e não a glória da sua pátria.

3. (14 de Julho de 1974)
Levantamos os olhos do papel e fitamos a TV aberta, sem som, à espreita de notícias do momento político.

Exibe-se um filme e saltam-nos aos olhos duas legendas.

O menino perguntava ao pai por que se morria. O pai sabiamente respondia-lhe que era pela mesma razão por que se vivia. Fiquei embasbacado com tão profundos conhecimentos biológicos e tão profundas locubrações filosóficas.

Claro que o filme era americano. E como tal, não era de esperar que dali viria coisa séria e válida; só reinar com os parceiros.

4. (7 de Julho de 1974) — Num momento de péssimo humor e vinagrosa propensão para a verdade nua)

Escreveu-se muito sobre a greve dos CTT. Ainda agora caem salpicos de tinta sobre ela.

Só no foi feita uma pergunta, que me tenho feito e para que não encontro resposta.

Durante o tempo da D. G. S., os CTT foram seus ilustres e devotados colaboradores, encaminhando-lhe toda a correspondência cujo exame lhe era requisitado e desviando para escuta as chamadas telefónicas de certas personalidades. Nesse tempo não ingressou no mínimo que fosse na resistência — e era-lhe fácil iludir em parte as ordens. Colaborou de todo o coração.

E não se impuseram com uma greve.

(Continua na página 2)

A chuva, o frio, o vento. A gente aguentando. Especialmente as mulheres. Decididas. Firmes. Eram os princípios de Novembro de 1965. Princípios de Novembro? Pode-se averiguar com exactidão. E assim vai ser feito.

De repente Lourosa petrificava-se de espanto. De todos os lados, nos pontos estratégicos, os «jeeps», as espingardas, as metralhadoras da Guarda Nacional Republicana. Há quem diga que o Dr. Domingos Coelho da Silva chegou a encarar a ideia de enviar canhões e tanques de guerra contra o adversário. O adversário era «perigoso» e, talvez em consequência, o «destemido» Presidente da Câmara de Vila da Feira pensasse obter uma vitória retumbante que o colocaria de relâmpago (de trovão e de raio) como um «herói» nas páginas vermelhas da História pátria. O que está fora de dúvida é que foi o chefe, o homem que dá ordens. Por obra e graça do seu mando (valerá a pena falar em génio?), centenas de guardas republicanos, armados até aos dentes (?), decididos, com pólvora, com balas, ocuparam Lourosa militarmente. Primeiro cortaram as comunicações, alertaram os hospitais e os coveiros, distribuíram as ambulâncias. Na hora H as sirenes das ambulâncias juntaram-se aos disparos e «tablear» das metralhadoras. Os guardas republicanos respondiam cabalmente à aposta histórica do Dr. Domingos Coelho da Silva. As mulheres e alguns homens com elas, homens que pretendiam ser solidários com elas, assustaram-se, encolheram-se, gritaram, rezaram a Fátima ou ao santo da terra. Logo, ante o recrudescer do tiroteio,

encheram-se de raiva, increparam a Guarda e não foram menos subidas de tom as imprecações para o alto cabo Dr. Domingos Coelho da Silva, «ilustre» presidente da Câmara da Vila da Feira e responsável número 1 do «alto», inesquecível, pelo menos, feito!

Por quê tanto guarda, tanta sanha, tanto uivar de sirene, tanto tiro sobre Lourosa? Por quê os, não, as mortas, os feridos, tantas mulheres feridas, crianças, adolescentes? Conhece-se todo o saldo na página de sangue? Porque o Povo não queria deixar sair o Padre Pinho e opunha-se à ordem de D. Florentino de Andrade, bispo coadjutor do Porto, ao tempo em que o titular D. António Ferreira Gomes vivia o exílio. O braço leigo do fascismo tinha que intervir, interveio de novo. Primeiro, a Excelência, a pequena excelência deu-se ao trabalho de deslocar-se a Lourosa e ordenar, com aquele grande sentido de autoridade que caracterizou o abrigo das armas, que todas as mulheres se retirassem às suas casas e também os quantos homens. Parece que as mulheres não lhe chamaram Excelência e uns garotos o saudaram com algumas pedras ao automóvel. Foi tudo para que o «forte» ordenasse a ocupação e o castigo de Lourosa.

E duas raparigas caíram ali logo mortas. Uma era noiva, ia casar-se na semana seguinte. Lá ficou sem uso o vestido e a grinalda; na Foto «General» do Largo da Feira ficava também por uns dias de rotagem o retrato da bela assassina. A outra acabara o turno matutino na fábrica,

(Conclui na página 2)



PÔR DE SOL NA ESPLANADA...


PORTA ABERTA

Fui a uma consulta médica no Posto da Caixa de Previdência em Espinho no passado dia 24 de Julho. Atendeu-me um médico do Posto, que estava de serviço. Perguntado sobre aquilo de que me queixava, informei que andava a sofrer de umas pontadas nas costas. Nova pergunta do clínico: «Que género de pontadas são?». Resposta minha: «Pontadas». Sem me fazer qualquer exame, o médico começou a redigir

uma receita. Entretanto pedi-lhe que me medisse a tensão arterial, obtendo a seguinte e esclarecedora réplica: «Se tivesse que ver a tensão a todos os doentes, nem às nove da noite saía do Posto!».

Resta acrescentar que o médico me receitou duas caixas de injecções... e comprimidos...

Eduardo Dias

	<p>REDACÇÃO</p> <p>ARMENIO GOMES CARLOS PINHEIRO MORAIS JOÃO QUINTA</p>
	<p>SEMANÁRIO</p>
<p>FUNDADOR</p> <p>BENJAMIM COSTA DIAS</p>	<p>PROPRIEDADE</p> <p>EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.</p>
<p>ADMINISTRADOR E CHEFE DE REDACÇÃO</p> <p>ANTÓNIO GAIO</p>	<p>COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO</p> <p>Officinas gráficas da CASA NUN'ALVARES Rua de Santa Catarina, 630 P O R T O</p>

DIAS DE NOVEMBRO DE 1965

LOUROSA OCUPADA

(Conclusão da 1.ª página)

nas mãos brandia umas couves para o almoço que ia fazer, nem sequer estava medida no grupo das que se opunham à saída do Padre Pinho, mas as balas prostaram-na para sempre, senhor Dr. Domingos Coelho da Silva. As balas foram assassinas. E quem foi o responsável dessas balas? Quem foram os que dispararam e quem ordenou a operação?

Haveria que contar os feridos. As fábricas interrompiam o trabalho. No campo de batalha sem adversário deve ter passado majestoso para contar mortos e feridos o Excelentíssimo... que acrescentou ainda os presos. Não contente pela suspensão do trabalho nas fábricas, o Excelentíssimo fez-se ver ainda todo poderoso mandando prender até um industrial como Edmundo Ferreira. Durante vários dias Lourosa continuou praça ocupada pelas armas da Guarda e não tardou a PIDE. Entretanto, vinha gente de fora até à Foto «General» do Largo da Feira para ver o re-

trato da noiva assassinada. A PIDE nem isso podia admitir. Vai de buscar o fotógrafo aos Carvalhos e rasgar o retrato como se se tratasse de matar duas vezes a mesma pessoa.

Então, o medo do Dr. Domingos Coelho da Silva cobriu Lourosa. Nem sequer abrir a boca! Quem se atrevia a abrir a boca? Mas o saldo não fica por aqui. Durante meses e anos pessoas houve que não podiam ouvir uma ambulância, traumatizadas gravemente. Quando evocamos o episódio de sangue, ouvem, por cima do eco dos disparos, a sirene lúgubre das ambulâncias. Nós ouvimos e não esquecemos. Ouvimos na voz e no rosto das testemunhas. Não foi uma batalha da Guarda e do Dr. Domingos Coelho da Silva. Foi um assassinato monstruoso. E, agora, depois do 25 de Abril, no cravo rubro das esperanças espera-se que os assassinatos serão castigados pela lei... comum.

Espinho, 9-8-74.

Sérgio Alves Moreira

FIM DE SEMANA-64

(Conclusão da 1.ª página)

Nada disso. Nessa altura a ordem era colaborar, os interesses do povo que se marinhassem, eles é que não estavam para correr riscos de hospedagem gratuita em Caxias ou de olho na rua.

Agora, num regime de liberdade, logo a sua coragem, que antes estivera muito escondidinha, veio à superfície, e toca a pedir mais dinheiro para trabalhar menos. E pronto — greve. E os interesses da Nação que se lixem.

Logo, eis a pergunta: os CTT existem para servir a Nação ou para a Nação, que os sustenta, ser para eles um escarrador? Não vi feita esta pergunta. E portanto, não vi a resposta. E não a sei.

Como post suriptum e para honra e glória de raros, diremos em primeiro lugar que no tempo da D. G. S. talvez houvesse alguns dos mais modestos que, com riscos de tudo, alertaram os destinatários de correspondência de que estavam sob vigilância; e, em segundo, que ouvi alguns de várias categorias indignados contra a greve que estavam compelidos a acatar.

5. (7 de Julho de 1974) — sempre mal humorado e com a mania de chamar as coisas pelo nome)

Nuestros queridos hermanos espanhóis continuam a auxiliar o turismo português.

Das notícias de Viana do Castelo do «Janeiro» de hoje consta que os cambistas de Vigo não trocam escudos, porque, dizem, estão cheios de moeda portuguesa.

Estes bancos têm uma solidariedade perfeita, para eles não há fronteiras, a humanidade é só uma, e desde que se trate de esfregar o mexilhão formam uma cadeia internacional.

Consideram-se os donos do mundo. E no mundo ocidental é que o são mesmo enquanto os ventos sopram do lado do Atlântico. Lá para colaborar no boicote ao Portugal novo com a banca portuguesa os outros estão praqui prás curvas: gente solidária. A solidariedade é muito bonita.

Mas é-o quando é para o bem. Quando é para a destruição, é uma fossa nauseabunda, mas eles é que não se ralam mesmo nada ao ouvir estas verdades. Tiro-lhe o chapéu, Mister Dólar.

O jornal também contava que um casal espanhol, antes de entrar nas portas da fronteira, quis saber se haveria segurança, se não haveria desordem nas ruas, etc.. Que estes vizinhos, que se fartaram de liquidar parceiros sumariamente contra as paredes a rajadas de metralhadoras no tempo da guerra civil, não se convencem que pode haver uma revolução com pleno respeito pela pessoa humana, uma revolução justa, com cravos em vez de balas.

Mas o casal deu uns passinhos e como viu que nenhum balásio lhe furou o bandulho foi andando por aqui dentro e ficou.

Esperemos que estes não vão para as granadas e catalunhas dizer que lhes partiram os parabrises.

Vasco Luís

P. S. — Depois de tantos anos de Governo, hoje 9 de Agosto de 1974 (e já não era sem tempo), o Presidente Nixon tomou finalmente a sua primeira decisão válida e útil: demitiu-se.

V. L.

Centro de Enfermagem de Espinho

Todo o serviço de enfermagem, aluguer de oxigénio, camas articuladas e aspiradores, massagem e recuperação por pessoa especializada. * Ambulância c/ oxigénio para transporte de doentes.

Telefone 921587 (das 8 às 21 horas)
Telefone de urgência 922329 (das 21 às 8 h.)
Horário — Das 8 às 13 e das 14 às 21 horas
Semana Inglesa
Rua 16 n.º 868 ao lado dos Bomb. V. de Espinho

Quatro meses

Em pleno mês de Agosto e no limiar de quatro meses de renovações, achamos que, em matéria de renovação, Espinho não está a acompanhar o ritmo. Nem mesmo a mantê-lo. Sabemos bem que os componentes da Comissão Administrativa da Câmara têm os seus afazeres profissionais. Mas como a hora é de sacrifício, e o exemplo é-nos dado diariamente pelos altos órgãos governativos da Nação, desejamos que a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho atente bem na missão que lhe foi confiada. Não é fácil mas também não é impossível. Gostávamos, se não desse muito in-

cómodo, de saber, através deste jornal, que não negará participar, o que é tratado em sessão camarária. Houve um único comunicado da Comissão Administrativa. E que ao fim e ao cabo não mostrava ter sido tratado nada de transcendente. Sabemos de sobra que os componentes da Comissão Administrativa são indivíduos profundamente democratas. E para se saber qual tem sido a causa da falta de ritmo é bom que os espinhenses sejam esclarecidos. Julgo que a maioria está de acordo.

Almeida Campos

PROBLEMA DA HABITAÇÃO

No entanto não só os mais extremamente necessitados habitam em pardieiros abjectos. Para se compensarem das agruras que passam, lá têm (alguns) a sua antena de televisão no telhado do coqueiro e lá estão (alguns, claro), a curtir a semana de trabalho na «cow-boyada» de sábado. E até este pormenor era justificação para deixar correr e não ligar.

E o mal de Espinho é relativamente fácil de remediar. Está em relativa fase de expansão até por ter sido benemeritamente admitido o seu aumento nos últimos anos. A sua solução, se bem que não se pretenda seja totalmente da responsabilidade das antigas Câmaras, pois as instâncias superiores também apadrinharam, necessita de intenso interesse dela como única e válida entidade defensora dos altos interesses de Espinho. Só ela, junto de quem de direito, deve fazer valer o direito evidente dum caso parcialmente generalizado revestido de acuidade especial por estar limitado a cerca de uma centena de famílias.

Para já é necessário atentar nas directrizes futuras se se continua a aviltar a construção do pardieiro. Então será profunda e complicadamente difícil de resolver uma eliminação que desde já se poderá fazer abortar. Que o digam Lisboa e Porto... E paralelamente é necessário que a Câmara mande urbanizar um local para que se possam construir habitações económicas logo que possível. Depois até é mais fácil conseguir contribuições oficiais e particulares. O consultor urbanístico deve começar a justificar a choruda avença mensal com outras coisas que não seja só o ultra-parecer em resoluções de mero expediente em reuniões da Câmara.

J. J.

UMA CARTA DE RICARDO CHIBANGA

Exmo. Senhor

Director da «Defesa de Espinho»
Desculpe V. Exa. o tempo e o espaço que lhe vou roubar, mas entendi que «Defesa de Espinho», como legítimo porta-voz dos interesses dessa bonita cidade, onde me ligam laços de muita estima pela maneira como ai tenho sido recebido, seria também, com a permissão e a ajuda de V. Exa., o porta-voz de uma mensagem que eu devo aos aficionados da região, que tanto me têm acarinhado e a quem tanto devo.

E essa mensagem é de pena e de tristeza por não ter podido tourear na bela praça de Espinho, menina bonita do meu grande e chorado Amigo sr. Manuel dos Santos, para lhes levar, na arte que abraçei, o melhor que posso e sei fazer. E acredito os meus amigos de Espinho, entre os quais saliento os do Grupo Tauromáquico, que só a impossibilidade física me impediu, com a colhida que sofri em Vitória, no passado dia 18 de Julho, ao cravar o terceiro par de banderilhas a um toiro de Carlos Sanchez Rico. Além da contusão no peito e de uma ferida no Joelho esquerdo, fracturei a oitava costela o que me obrigou a perder os contratos de Barcelona, de Palma de Maiorca e de Espinho.

Tudo fiz, bem como os médicos que me assistiram, para poder estar presente na simpática arena de Espinho, levando o meu interesse ao extremo de esperar até quase à última hora, na esperança de que me fosse dada autorização.

O não final veio na sexta-feira, dia 26, imediatamente comuniquei para o meu apoderado em Portugal, enviando o res-

pectivo atestado médico para ser entregue na Inspeção-Geral dos Espectáculos.

Era apenas esta mensagem que eu queria a V. Exa. para publicar no conceituado jornal, de que é muito digno director, na certeza de que cumprio um dever para com um público que muito respeito e a quem tanto devo.

Com os antecipados agradecimentos, subscrevo-me

Atenciosamente,,

Ricardo Chibanga

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações
Consultas todas as 3.ªs-feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º
Telef. 921891
ESPINHO
Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

AS OBRAS DE DEFESA

O mar, no passado Inverno, fez das suas, deteriorando grandemente um dos troços da nossa esplanada, frente ao Posto da Guarda Fiscal. A muralha, incapaz de resistir à força das águas, abriu uma brecha que atingiu o próprio leito da avenida dois. A passo de lesma têm vindo a efectuar-se as respectivas obras de reparação. Passo tão lento que, já em me-

dos de Agosto, se não vislumbra ainda o dia do seu termo. Possam os deuses conseguir que aquilo que esteja feito até às inevitáveis investidas marinhas, que a futura inverno trará, seja suficiente para impedir males maiores. E queira a boa fada permitir que no começo do Verão de 1975 já não haja buracos na esplanada espinhense.

OS ENTULHOS

Processam-se em total anarquia o despejo de entulhos dentro da cidade. Não há o menor respeito por nada nem por ninguém. Os construtores que têm que desfazer-se de entulhos actuam sem a menor noção de que há lugares onde podem fazê-lo e outros em que esse procedimento é irregular. Alguns, mais conscientes mas não mais cumpridores, man-

dam despejá-los às escondidas. Porque não vamos entender-nos e colaborar todos no sentido de fazer de Espinho uma cidade limpa? Por certo que a competente repartição camarária estará em condições de indicar aos senhores construtores os locais em que eles podem depositar os restos inúteis de que eles precisam libertar-se.

A CÓLERA PODE SER COMBATIDA

Já aqui publicamos, números atrás, as dez regras basilares de higiene que devem ser observadas para obviar à propagação da cólera. Mas, em casos como este, repetir e insistir não é pecado. Isso mesmo entendeu a Câmara Municipal de Espinho, que ordenou larga distribuição de impressos pela população, fazendo anteceder as dez regras da seguinte frase: «a sua vida e a dos seus pode depender desta leitura».

1 — Lavagem cuidadosa das mãos com água e sabão antes de cada refeição e depois de utilizar as instalações sanitárias.

2 — No caso de não existirem instalações sanitárias ligadas à rede de esgotos e remoção diária de lixo, promover a desinfecção diária destes e das fezes;

3 — Utilizar como água de alimentação e preparação de alimentos somente aquela que ofereça garantias absolutas de potabilidade. Na falta de rede pública de distribuição de água, deve ferver-se esta previamente.

4 — A água utilizada para fins domésticos (lavagem de utensílios de cozinha, de roupa, etc.) deve igualmente ser potável. Na sua falta, empregá-la depois de fervida.

5 — Manter os alimentos, depois de cozinhados, bem resguardados de poeiras e de moscas.

6 — O leite não pasteurizado deve ser fervido.

7 — Evitar o consumo de gelo, gelados com creme, «maioneses», etc., particularmente em dias quentes, desde que não provenham de instalações industriais oficialmente reconhecidas.

8 — Evitar tomar banhos em rios ou praias situadas nas proximidades de esgotos ou em piscinas que não tenham renovação e desinfecção da água.

9 — Evitar o consumo de frutas, vegetais e outros alimentos que habitualmente são ingeridos crus.

10 — Não utilizar as águas sujas, de fossas ou da rede de esgotos na rega de hortas.

CARRO TAMBÉM É LIXO

«Mantenha a cidade limpa» é um slogan por demais repetido e nem sempre correspondido. Fazem-se os esforços possíveis para que a urbe apresente efectivamente um aspecto lavado. A população, com raras excepções, procura responder, trazendo para a via pública a decência que usa para dentro das suas próprias portas.

Vem isto a propósito de um reparo que nos chegou e que respeita ao abandono, há mais de um ano, de um automóvel na rua 20, junto ao Parque de João de Deus. A chapa exibindo as chagas que o sol e a chuva lhe provocaram, os pneus totalmente chatos, vidros partidos, um «cadáver» metálico sob o qual crescem as ervas, all jaz o que foi um rei das estradas. Ora carro nesta condições também é lixo. Lixo que custa a desaparecer e que, se não estamos enganados, não é caso único nas artérias citadinas.

DO HOSPITAL

Movimento de 6 a 12-8-1974

Internamentos gerais	29
Exames radiográficos	134
Crianças nascidas	20

Intervenções cirúrgicas

Cirurgia geral	14
Oftalmologia	1
Urologia	2
Obstetrícia	1

Serviço de urgência

Homens	276
Mulheres	260

Internados entre outros:

Maria Margarida Bento Marques Teixeira, para cirurgia, de Espinho;

Maria de Fátima Ferreira Santos Noqueira, para obstetrícia.

CASAMENTOS

Luiz Gonzaga Jorge Pereira Soares com Maria Adriana Rodrigues da Cunha Soares, na Igreja paroquial da freguesia de Paramos, deste concelho.

José Vieira Barbosa com Maria de Fátima Campelo Barbosa, na Igreja de Paramos, deste concelho.

António Abel da Silva Coutinho com Maria Manuela Ferraz Abrantes Coutinho, na Igreja de Gulpilhares, Vila Nova de Gaia.

Jorge Augusto Fonseca da Cunha com Maria Carla Pinto Moreira de Sousa Cunha, na Igreja do Bom Jesus do Monte, Braga.

No passado dia 11, na Igreja de Espinho, realizou-se o casamento de D. Virgínia Maria Alves de Sousa, filha de Amador Alves de Sousa e de D. Maria Alves do Couto, com José Gabriel Pinto Amorim, filho de José Fernandes de Amorim e de D. Adelaide Pinto dos Santos (ambos falecidos).

NASCIMENTOS

Ana Patrícia Flor Correia de Pinho — filha de António Leite Correia de Pinho e de D. Graça Maria Flor de Pinho Marques Correia de Pinho, em Espinho.

Valter David Tato Fortuna — filho de Valter Aurélio da Silva Fortuna e de D. Etelvina Domingues Fernandes Tato Fortuna, em Espinho.

Miguel Filipe de Macedo Lopes Baptista — filho de Fernando de Sousa Ferreira Baptista e D. Almerinda Olga de Almeida Macedo Lopes Baptista, em Espinho.

José Manuel da Rocha Carvalho — filho de Manuel Luis Amorim Ferreira de Carvalho e D. Maria Helena Monteiro da Rocha Amorim Carvalho, em Espinho.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Hoje, sábado, 17 — FARMACIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250.
Amanhã, domingo, 18 — FARMACIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Tel. 920320.
Segunda-feira, 19 — GRANDE FARMACIA, rua 62, n.º 457 — Tel. 920092.
Terça-feira, 20 — FARMACIA TELXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telef. 920352.
Quarta-feira, 21 — FARMACIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telef. 920331.
Quinta-feira, 22 — FARMACIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250.
Sexta-feira, 23 — FARMACIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telef. 920320.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 17 — PARA MIM AS MULHERES NEM FO NEM FA, com Peret e Conchita Bautista — 18 anos.
Amanhã, domingo, 18 — O MAGNÍFICO, com Jean Paul Belmondo e Jacqueline Bisset — 14 anos.
Segunda-feira, 19 — O BRAÇO VIOLENTO DO KUNG-FU, com Chu San e Liú Cheng — 14 anos.

Terça-feira, 20 — à tarde — UMA ODISSEIA SUBMARINA, com Ernest Borgnine e Ivette Mimieux — 10 anos.
à noite — O CONVITE, com Michel Robin e Corinne Coderey — 18 anos.
Quarta-feira, 21 — OS «CLOWNS» DE FELLINI, com Federico Fellini e Anita Ekberg — 14 anos.
Quinta-feira, 22 — HELENA A GREGA, com Raquel Welch e Richard Johnson — 18 anos.
Sexta-feira, 23 — O ESCORPIÃO, com Burt Lancaster e Alain Delon — 18 anos.

CASINO

Hoje, sábado, 17 — O ENIGMA DA CADEIRA DE RODAS, com Catherine Spaak e Jean Claude Brialy — 18 anos.
Amanhã, domingo, 18 — UMA HISTÓRIA PERVERSA, vob Marisa Mell e Alberto Mendonza — 18 anos.

Segunda-feira, 19 — A QUADRILHA DOS REFENS, com Bulle Ogier e Daniel Cauchy — 18 anos.
Terça-feira, 20 — CORRIDA SELVAGEM, com Robert Fuller e Sherry Bain — 18 anos.
Quarta-feira, 21 — O AS VALE MAIS, com Eli Wallach e Terence Hill — 12 anos.
Quinta-feira, 22 — PIPI DE MEIAS ALTAS, com Inger Nilsson e Maria Persson — 6 anos.
Sexta-feira, 23 — ENSINA-ME A VIVER, com Ruth Gordon e Bud Cort — 18 anos.

FALECIMENTOS

No passado dia 9, no Hospital de Santo António, no Porto, faleceu D. Maria del Carmen Gessler Buisson, casada com Américo Alves de Sá, empregado superior da Foseira Portuguesa, mãe de D. Clotilde Alves de Gessler e Gustavo Alves de Gessler, e sogra de Henrique Ferreira da Silva Brandão.

No mesmo dia faleceu em Espinho D. Maria dos Prazeres de Gouveia Osório de Melo Menezes e Costa, mãe do Dr. José de Gouveia Osório Pereira de Melo, Director da Escola Industrial e Comercial de Espinho e sogra de D. Clara Bandeira Pessanha de Menezes Pereira de Melo.

Também nesse dia e em Espinho faleceu D. Camila Ferreira Reis, esposa de Albino Francisco Peito, mãe de D. Clara Ferreira Reis, D. Maria de Lourdes Ferreira Peito, D. Ana Ferreira Reis e Joaquim António Feiteira Peito, e sogra de Joaquim dos Santos Fernandes, Rogério Casal Ribeiro, Manuel de Carvalho e D. Zulmira de Jesus Bico.

As famílias enlutadas apresentamos as nossas condolências.

Atenção

Fogos reais na carreira de tiro de Espinho

Entre 19 e 22 deste mês, realizam-se, na Carreira de Tiro de Espinho, exercícios de fogos reais, pelo que devem ser alertadas desde já, tanto a navegação aérea como a marítima.

Escusado será dizer que a população também deve tomar especiais cuidados, os mesmos, aliás, que são usados em situações idênticas, em anteriores exercícios.

Fotocópias

Rua 26 n.º 335

ESPINHO

Revestimentos Modernos

1.º Aniversário

Saldos de Papéis de parede e tecidos de cortinados

Rua 16, n.º 360 — Telef. 922364

JOAQUIM GOMES PEREIRA

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores, Bobinagem de dinamos e motores, Testes, eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Mobil)

Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO
Residência — Telef. 964194

Colabore para uma cidade limpa

PASSA-SE

Estabelecimento

Mercearia e Casa de Pasto bem afreguesadas
Motivo de Retirada

Telefone n.º 920716

ESPINHO

A DEFESA precisa de mais assinantes

Companhas de pesca de arrasto de Silvalde nos séculos XVIII e XIX

Compulsando a documentação abaixo mencionada, verifica-se serem de pequena importância as notícias referentes à actividade piscatória na praia de Silvalde. Ao estudarmos as Companhas que trabalharam em Espinho, verificamos que lá encontramos algumas de Silvalde, no século XIX.

Embora pequeno, merece vir a lume o respeitante a esta praia. Advirto que, na falta de documentação que nos diga qual a praia onde as Companhas pescavam, suponho o fariam nesta de Silvalde.

1779 — Foi arrendada a cisa do pescador de Silvalde.

1792 — A Rainha D. Maria I isenta dos serviços militares os pescadores desta localidade.

1830 — Companha de Santo António, de Silvalde: 122 sócios.

Companha de Nossa Senhora do Rosário, de Silvalde: 115 sócios.

1831 — Companha de Santo António, de Silvalde: 112 sócios.

Sociedade de pesca de Silvalde: 82 sócios.

Possivelmente antes de 1779, havia serviço de Companhas nesta praia. Até, talvez, o dito arrendamento da cisa nos dê margem para pensarmos em tal. Por outro lado, a Memória Paroquial desta freguesia. (*Diccionario Geographico de Portugal*) e os arrendamentos dos dízimos devem referir-se à pesca, no caso de a ter havido, porém, não pude, ainda, consultar tal documentação.

Embora se saiba, com facilidade, dos nomes dos pescadores, idade, estado e naturalidade, faltam-nos documentos sobre a economia das Companhas: salário dos pescadores, volume económico do pescado, direitos fiscaes. Será loucura pensar-se que, nas mãos dos particulares de Silvalde, ainda se guardarão, por ventura, livros de escrituração das suas Companhas? Se tal sucedesse, a sua consulta prestaria um grande auxílio, para se auscultar a vida duma Companha, por dentro.

O autor destas breves linhas agradece quaisquer outros elementos sobre o tema.

Pe. Aires de Amorim

O PARTIDO POPULAR DEMOCRÁTICO Face aos problemas do desemprego

1. Têm sido publicadas notícias inquietantes sobre o aparecimento de frequentes casos de desemprego. Algumas estimativas officiosas indicam já que o número de despedimentos ultrapassaria tetivamente os dez mil.

Estes primeiros sinais de alarme, correspondem ao facto de a economia portuguesa viver um clima de incertezas e não ter condições para absorver, sem consequências, o choque que lhe é introduzido pelas alterações profundas do momento presente. Muitas empresas, habituadas a situações de protecção e a condições de funcionamento artificiais, não se encontram preparadas para as novas condições decorrentes da recuperação de injustiças anteriores acumuladas. Para além disso, as deficiências herdadas do anterior regime, tornam-se ainda mais flagrantes perante uma certa retracção da procura interna e externa.

2. O problema do desemprego deve ser encarado com toda a seriedade. Seria inadmissível aceitar que fossem os trabalhadores a sofrer as consequências de uma debilidade económica da qual eles, de modo algum, são responsáveis.

O problema deve, porém, ser visto numa perspectiva mais profunda: as situações de crise e desemprego provocam, na generalidade dos casos, descontentamentos e tensões que só favorecem opções extremas. Convém lembrar que, nos tempos modernos, todas as ditaduras e regimes tirânicos surgiram em situações de crise e insatisfação generalizada. A defesa da democracia impõe que sejam asseguradas condições de estabilidade económica.

A gravidade do desemprego leva a que se deva atribuir toda a prioridade ao seu combate. Deverá, desde já, encarar-se como inadiáveis, todas as medidas que permitam criar novos empregos. De facto, se os trabalhadores são os principais atingidos pela subida do custo de vida, não seria, contudo, aceitável contrariar a alta de preços através da negação de trabalho a uma parte deles, isto é, negar completamente o salário.

3. Porém, não basta gritar ou escrever «slogans» para que apareçam postos de trabalho susceptíveis de serem efectivamente remunerados. Carece-se de um clima de confiança e a adopção de medidas concretas.

Ante a perspectiva de desemprego, impõe-se como urgente, a criação do seguro de desemprego. Para ele deverão ser canalizados os recursos disponíveis na Previdência e do Fundo de Desemprego. Mas não se poderá adiar a tomada desta decisão, que consiste num direito indisputável dos trabalhadores.

4. O Estado poderá, também, inter-

vir vido oportunamente e de forma decisiva, contribuir para a criação de novos empregos.

Antes de mais, através de investimentos públicos que mais rapidamente possam ser concretizados; os de resultados mais efectivos, seria um amplo programa de construção de habitações e de obras públicas de interesse geral (escolas, estradas, hospitais, etc.), aproveitando-se eventualmente projectos já existentes; responder-se-ia a imperiosas necessidades sociais; incentivar-se-ia a construção, sector dos mais importantes para a criação de emprego; e introduzir-se-iam efeitos multiplicados sobre outras actividades que, certamente, criariam novos postos de trabalho.

Para isso, seria porém necessário que o Governo actuasse sem delongas, abandonando, nesta emergência e momentaneamente, exageradas preocupações pelas soluções óptimas, e procurando acima de tudo, uma concretização das iniciativas dentro de prazos que as tornem eficazes.

5. A acção da Administração Pública pode, também, ser relevante junto de muitas empresas, especialmente as pequenas e médias, responsáveis por grande parte do emprego. De entre as acções mais imediatas, para além do auxílio financeiro já facultado, deve procurar-se explorar novos mercados externos, muitos dos quais, até agora, nos estiveram fechados por motivos políticos, e promover um auxílio técnico que permita níveis acrescidos de produtividade nestas empresas.

6. Por último, mas não menos importante, é também prioritária a definição da política de rendimentos a nível nacional. Só dentro do quadro dessa política será possível assegurar uma continuada subida nas remunerações dos trabalhadores, que lhe garanta a parcela do rendimento a que têm direito e que reduza progressivamente as desigualdades sociais.

Doutra forma, greves continuadas e subidas salariais intempestivas, poderão levar a falências ou despedimentos que a ninguém beneficiam; ou provocarão um novo impulso à subida de preços, tornando assim aleatórios os benefícios recebidos pelos trabalhadores.

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

Rua 19 n.º 364-1.º - Tel. 921218

ESPINHO

Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º

Telefone 921014 — ESPINHO

Rua Santa Catarina n.º 778-1.º

Telefone 33868 — PORTO

Dr. Aucíndio Valente

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais

RUA 20 N.º 500-1.º - TEL. 921014

Dias: 3.ª e 6.ª feiras com hora marcada.

Dr. José Manuel Gomes de Almeida

Clínica Médica e Cirúrgica

Rua 19, 364-1.º — ESPINHO

Consultas marcadas pelo tel. 921218

Dr. Cerqueira Fernandes

Solicitador

Rua 26 n.º 335

Telef. 06/72797

ESPINHO

GAZETILHA

Contra-relógio...

*Na semana decorrente
Um dia, que é feriado,
Enxertou-se, impertinente,
Pra me deixar enrascado:
Escassas horas, somente,
Me impõem, prá Gazetilha!
Vou escrevê-la de repente,
Nervoso como uma pilha;
Vou passar por indecente,
Se o engenho me não brilha!
Só um recurso me acode,
Muito em cena utilizado
Para entreter o «pagode»
Pelo entremez chateado:
Vou recorrer à batota
De me servir d'Anedota:*

*Em discussão mui formal
Se encontraram dois senhores,
Sobre o Código Penal;
Falavam como doutores.
Diz o que o era — mas nem
O parceiro conhecia:
«—Como domina tão bem
O Penal, eu juraria
Que é meu colega no foro...
É ornamento de decorol!»
Diz o outro: — «Tanto, não!
Eu sou apenas... ladrão!*

*Foi um caso extraordinário:
Sem mexer uma palheira,
Um segundo escriturário
Foi promovido à primeira!
Dizem que foi a mulher
Que se mexeu a valer!*

*Sete vezes num só dia
Peca o justo! — os livros falam!
Quanto à mulher, ninguém pia:
Todos os livros se calam!*

Alberto Barbosa (BEKA)

Ó da guarda!...

Precisamente na década de 30. As entradas do Cine Jardim Recreio e do Teatro Aliança tinham sempre muitas crianças ou para ver os cartazes das fitas ou para abichar uma sessão «de borla». Daí a cantilena dos mais audazes: «meu senhor... leve-me consigo!...»

As «encantadoras» crianças às vezes por influência dos aliciantes cartazes do Tom Mix ou do Buck Jones, distribuíam desagradáveis socos e pontapés que faziam mossa nos mais sensíveis. Estes, vencidos na luta pelo físico defendiam-se com as armas da ameaça: «Se queres alguma coisa anda prá minha porta que o meu pai é polícia!»

E pronto! Perante esta «razão de peso» o mais valente enfraquecia subitamente de violência e de músculos.

Os tempos mudaram porém. Agora já não sentimos a protecção da nossa vizinhança porque «santos ao pé da porta não fazem milagres» nem a palavra polícia infunde o terror de outrora.

No entanto... se a polícia hoje não é repressiva nem tampouco o deverá ser, não poderá deixar de ser activa. A demasiada passividade nos chamados agentes da ordem a nada de bom pode conduzir. Não deverá ser aplicada a força mas sempre que necessário há que vincar presença e utilidade.

A autoridade não deve andar com «cara de polícia» a caceteiar, a multar e a prender, mas não poderá deixar de reprimir, de aconselhar e de corrigir. Tem forçosamente que fazer algo para garantir a liberdade de cada cidadão, porque é sabido, que um homem só pode considerar-se verdadeiramente livre trilhando o digno caminho do respeito mútuo e nunca provocando ou sofrendo abusos de demasiadas e nocivas liberdades.

Além do mais pensemos também que um polícia pode já não ser o «pão» mas certamente que será sempre um homem como nós que tem que ser respeitado como tal e pelas funções de que foi investido.

No caso de se perder totalmente o respeito pelo próximo cairemos no abismo da desordem e será caso para gritar:

«ó da guarda!»

Duarte Estêvão



POR MAIS
FRATERNIDADE
CASAS PARA
OS POBRES

Não para, nem pode parar, esta campanha, sob pena de termos que acusar-nos de ter tomado uma iniciativa sem nela termos persistido. E também de acusarmos quem, estando em condições de poder ajudar quem precisa, se recolhe à carapaça do seu egoísmo e não dá o contributo que lhe está nas possibilidades.

Hoje, temos o prazer, uma vez mais, de publicar nova série de doativos, que totalizam 4 100\$00, já

em nosso poder, e cujos ofertantes foram:

J. F.	1 000\$00
Malhas Delta	2 000\$00
Manuel R. Pinto	100\$00
António D. Gonçalves	1 000\$00

Cá ficamos a aguardar que estes exemplos e todos os que têm sido dados desde o início desta campanha se não façam tardar e continuem a afluir.

ENCONTRO

Mass Media e Informação (2)

A EDUCAÇÃO DE UM PÚBLICO CONSCIENTE

(Conclusão da pág. 8)

social. Citemos de passagem «experiências» tanto mais fantásticas quanto mais elas são fruto da imaginação: há 20 anos nos Estados Unidos uma emissão de Orson Welles, «A guerra dos mundos» (invasão da terra pelos Marcianos), adaptação radiofónica de H. G. Wells, provocou um pânico ainda geral na população daquele país; pânico ainda foi provocado mais recentemente (Fevereiro de 1959) na Inglaterra pela emissão televisada de uma peça de Lester Fuller, «Antes do pôr-do-sol» cujo tema aborda um misterioso satélite que desce sobre Londres cuja população desaparece aterrorizada excepto um homem e uma mulher. Em ambos os casos, numerosas pessoas tomadas de pavor, precipitaram-se para a rua, invadiram os comissariados da polícia ou encheram todas as linhas telefónicas de apelos angustiados. Feitas sem qualquer intencionalidade política ou de propaganda, estas «experiências» têm em si mesmas o grande mérito de mostrarem até à evidência a possibilidade de «criar» acontecimentos e de os levar até às massas através dos mass media.

Se por um lado estes nos atingem e ferem, por outro lado eles encontraram na continuidade e na insistência da sua acção o agente principal da sua potência tanto para o bem como para o mal. E assim tanto podem estar ao serviço da humanidade satisfazendo-lhe as necessidades de informação e comunicação, como podem com a mesma facilidade escravizar essa mesma humanidade através da alienação da verdade e da objectividade dos factos.

Nenhum acontecimento deve escapar ao controlo do homem já que só esse conhecimento permite portanto uma desalienação; mas não é indiferente que ele seja conhecido no momento em que se produz — momento crucial — ou bastante depois deste momento, quando já é suficiente tarde para o homem intervir a nível intelectual ou agir sobre ele e sobre os seus desenvolvimentos. Trata-se aqui da produção de uma cadeia de reacções individuais ou sociais que se dispõem ao redor do fenómeno de actualização mais ou menos concomitante com o acontecimento.

António Rebordão Montalvo

CINEMA EM PORTUGAL

Entrevista com António Campos

(Conclusão da pág. 8)

mica de toda a vida dos pescadores, desde a sua chegada à ilha, etc. Também este filme foi muito bem aceite, e ainda hoje quando o projecto conjuntamente com Vilarinho das Furnas, apesar de passar sem som, deixa as pessoas encantadas, como aconteceu recentemente. Não sei até que ponto poderei ou quereirei ir; ando a tactear em relação ao cinema que efectivamente me interessa fazer. Mas não há dúvida nenhuma que a realização de a *Almadraba* me deu grande satisfação.

— Mas não sentiu necessidade de uma preparação, digamos, mais específica?

Sim, entretanto eu tinha pedido uma Bolsa de Estudo à Fundação Calouste Gulbenkian. A Fundação começou a dar bolsas também para cinema até que a minha, juntamente com a de um outro moço, foram as primeiras. Se falo da experiência que essa Bolsa de Estudo me permitiu realizar em Inglaterra, não é por glória nem coisa parecida. Na ocasião não compreendi e até me decepcionou um pouco que, ao mostrar o filme aos professores da Escola de Cinema, me tinham perguntado, «mas afinal o que é que o sr. quer aprender aqui para Inglaterra?» Respondi então «bom, eu quero aprender cinema porque não sei de facto (allás ainda hoje não sei)». Depois de terem visto *Almadraba Atuneira* queriam eles dizer que eu já não tinha nada a aprender.

Se isso me agradou a decepção veio

depois. Salvo os contactos que a estadia me proporcionou e algumas coisa que vi, no que respeita à aprendizagem pouco obtive de facto.

— Passou-se junto de algum Instituto essa presença em Inglaterra?

Não. Eu dispunha apenas de três meses que, por si só, seria o tempo indispensável a uma adaptação. Por isso preferi contactar diferentes escolas como a do *British Film Institute* ou então o *British Transport* com outra casa de reportagem onde mostrei os meus filmes. A partir daí preferi sobretudo contactar pessoas. Como não foi uma aprendizagem sistemática nem profunda não poderia portanto dar uns frutos muito maduros.

— Em qualquer caso, de regresso, não vinham mais clarificados os seus interesses de autor?

Certamente. Tal como acontecera com *Almadraba Atuneira*, decidi-me a procurar sempre — o que acontece ainda hoje — os temas que mais me apaixonam. Assim quando voltei, um amigo meu falou-me do poema *Invenção do Amor*, de Daniel Filipe. Eu empolguei-me de facto com o poema mas qualquer coisa do momento obrigou-me a pôr a ideia momentaneamente de parte. Peguei-lhe mais tarde e é um filme de que as pessoas gostam.

Foi na ocasião em que fiz *Invenção do Amor* que a Fundação Calouste Gulbenkian me começou a dar diferentes tarefas tais como filmar exposições de arte de que fiz até hoje uns trinta e tal

GRANDE CASINO DE ESPINHO

Onde o Norte se diverte

MÚSICA DE BAILE

PELOS CONJUNTOS: — THE DROPS
(Quinteto italiano)
— JOSÉ QUELHAS
— PROMOTION MUSICAL 6

VARIEDADES

— BALLET «GOLDEN GIRLS» (Francês)
— LOS MATURANOS (Baile espanhol)
— BELITA & CHARLY KAY (Acrobatas dinamarqueses)

RESTAURANTE

Jantares concerto — Esmerado Serviço
SALÃO RESTAURANTE ★ SLOT-MACHINES

CINE-TEATRO

Sessões todos os dias

TARDE INFANTIL

No Salão de Festas — Sábado, 17 de Agosto, às 17,30 horas

Palhaços — Equilibristas — Canções

A Toddy — dará a todos os miúdos e miúdas um lanche

Preços: Adultos 20\$00 — Crianças 10\$00

RESIDÊNCIA
1.ª CLASSE
* * * * *

GIRASSOL

RUA SA DA BANDEIRA, 133
TEL. 21891/2/3 — PORTO PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE
TELEFONE 27393
MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

O máximo em qualidade!
Do melhor em apresentação!

O bom gosto e eficiência, são atributos do relógio «CAMY», a mais preciosa das jóias

Está na hora de acertar: compre «CAMY!»

CAMY
GENEVE

Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA

TEL. 21891/2/3

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO especial para Baptizados, Casamentos e Confraternizações.

Aos sábados à noite — Jantar Dançante
Aos domingos — Matinée
Com o conjunto — TONI SAMPAIO

Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal desde 1 de Outubro a 30 de Abril

filmes. São filmes talvez sem grande interesse mas que o têm, enorme, para mim, pois me permitem, pela experiência resolver certos problemas de ordem técnica o que me dá maior avontade para filmes que me interessam mais. De entre estes, realizei, ainda, um sobre *Chagall*. Em 1968 quis fazer uma coisa a que chamel *Colagem* alusivo às grandes inundações de Novembro desse ano.

— Surgiu então a oportunidade de Vilarinho das Furnas...

Através de uma notícia de Paulo Ro-

cha que me falou do desaparecimento, para breve, inundada pela albufeira de uma barragem de uma aldeia comunitária. Parti imediatamente, mas, ao chegar fiquei muito desanimado. Pensava ir encontrar comunitarismo a escorrer pelas paredes e pendurado nas janelas; afinal sairia de lá decepcionadíssimo. O entusiasmo é que nos leva a querer ver as coisas onde afinal não estão. Hoje reconheço que não é assim, mas enfim...

(Entrevista realizada por José Vieira Marques)

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES COMPRA - VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 - 311991 - 381032
PORTO



MEDIADOR AUTORIZADO

MÓVEIS COUTO

Rua 16 n.º 358 — Telef. p. f. 922364

RESTAUROS — ESTOFOS
DECORAÇÕES
— ESPINHO —

Colégio de N.ª Sr.ª da Conceição

CURSOS: Liceal - Ciclo Preparatório - Primário - Infantil
Iniciação Musical - Artes Plásticas e Decorativas
Música com Exames no Conservatório - «Ballet»

Telefone 920303 — ESPINHO

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES
de

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lúrio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

Telef. 920325-977

MÓVEIS — ELECTRODOMÉSTICOS — RADIO e TV
— IMPORTADOR — REVENDEDOR —
BOSCH — KREFFT — SIMENS — LOEWE.OPTA

Preços de Importação

Frigorífico 140 L	3.500\$00
Frigorífico 200 L	4.500\$00
Frigorífico 245 L	5.100\$00
Frigorífico 270 L	5.600\$00
Frigorífico 300 L	7.700\$00
Máquina de lavar roupa	7.850\$00
Torradeiras	225\$00
Ferros automáticos eléctricos	240\$00
Exaustores cozinha	440\$00
Secadores Metal	240\$00
Secadores Plástico	220\$00

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTENCIA

Armazém de Lanifícios

ALVIFEX

Ferreira, & Oliveira L.da

ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569 (Provisório)

FABRICA DE

TAPEÇARIAS SANTA CRUZ

— IRMÃOS PINTO LOUREIRO, LDA.

LOUREIRO — SILVALDE — ESPINHO

Telefone 920708

Residência 921409

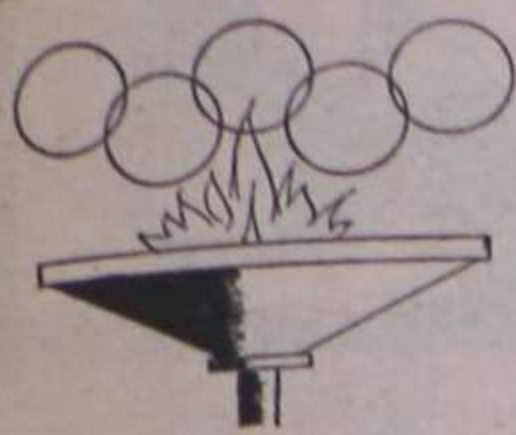
— Alcatifas, Carpetes Manuais e Mecânicas —
— Colocação de Alcatifas — Bons Preços — Venda a Particulares —

A "Defesa" precisa de mais
assinantes

C O R F I

Duas Organizações
o mesmo Prestígio!

C O T E S I



desporto



A ÚLTIMA ASSEMBLEIA GERAL DO S. C. ESPINHO

A massa associativa do Sporting de Espinho reuniu-se no passado dia 9 deste mês em assembleia geral ordinária para discussão e aprovação do relatório e contas da Direcção 73/74, bem como para a eleição de novos corpos gerentes.

Depois de lido o relatório e convidada a assembleia a apreciá-lo, apenas o associado senhor José Almeida (Jó) chamou a atenção dos directores para o facto de na rubrica «movimento de caixa — entradas» se assinalar um valor que não lhe parecia normal, ou seja o recebido dos Amigos da Bola: cerca de 90 contos. Referindo este valor chamou a atenção para o facto de os «cartões» não terem correspondido ao que se esperava, pois, estando quase todos «passados», a receita devia ser maior. Concluiu-se que apreciável número de possuidores dos referidos «cartões» não os pagaram como deviam, facto que deve ser devidamente considerado nas edições futuras.

Nada mais foi discutido acerca do relatório, ou porque os sócios presentes concordassem com tudo o que nele se assinalava, ou porque sem terem tempo para o analisarem não se lhes oferecia no momento qualquer comentário a fazer, pelo que foi aprovado.

Note-se que o débito do clube, que nestes dois últimos anos não excedeu os 200 contos, passou agora para cerca de 480, o que sem querer significar uma má administração atesta o acréscimo de encargos a que obrigou a tentativa dos corpos-gerentes para levarem a colectividade à 1.ª Divisão, felizmente coroada de êxito.

Do relatório há números merecedores de serem assinalados. Assim, a receita bruta da secção de futebol, no que se refere aos jogos disputados no Campo da Avenida, atingiu 1 844 497\$50, contra 614 429\$50 da época passada. A cobrança rendeu, esta época, o total de 667 130\$80 (357 717\$50 a época passada), enquanto que a Tómbola atingiu 210 contos (contra 225 em 72/73).

Outra receita assinalável é a referente a publicidade que atingiu 163 795\$, ao passo que no ano anterior foi de 20 000\$00, o que quer dizer que houve também um frutuoso trabalho em tal domínio.

No que se refere a despesas, atingiram no total 3 615 394\$20, ou seja cerca de 1 500 contos mais do que o ano passado (2 136 296\$60). Continua a maior quantia de dinheiro a ir para os ordenados e «luvas» dos atletas, esta época no total de 1 578 300\$00 (905 000\$00 em 72/73), enquanto que os prémios, este ano aumentados com a subida de divisão, somaram cerca de 285 contos, contra 190 da época anterior.

Relativamente aos ordenados dos técnicos de futebol há esta época a assinalar a soma de 256 500\$00 (130 750\$00 em 72/73) e no que respeita a «concentrações e almoços» o valor foi de cerca de 76 contos (70 na época passada).

Uma chamada para os números das modalidades amadoras. Esta época o clube teve uma receita de aproximadamente

320 contos (76 contos em 72/73) contra a despesa de cerca de 256 contos, nos quais estão incluídos 60 com obras no Pavilhão, enquanto que no ano anterior a despesa subiu a 160 contos.

Os números que apresentamos referentes ao exercício findo, ou seja a época de 73/74, são realmente, índice de uma já muito significativa actividade do Sporting de Espinho, e se indicámos os números da época passada — que não foram tão maus como então se queria fazer crer — foi para uma melhor avaliação do movimento crescente verificado de um ano para o outro.

Ainda no que se refere à assembleia geral há a assinalar que ficou aprovado um novo quadro de valores da cotização, que passou a ser de 30\$00 a cota do sócio de peão, 40\$00 a de superior e 60\$00 a do sócio de bancada, sendo de 15, 20 e 30 escudos as correspondentes a sócios infantis.

Saliente-se que antes de se aprovar a nova tabela de cotização o presidente da assembleia geral, senhor Alberto Alves, procurou insistentemente, que os sócios presentes discutissem ali, no local e momento próprios, a respectiva proposta, sem que qualquer associado correspondesse à observação que era feita com toda a oportunidade. Espera-se que o silêncio dos presentes corresponda a uma efectiva concordância com os valores propostos e que não venham a acontecer críticas fora do tempo e do local próprios, como às vezes é do agrado de uns tantos associados desfasados dos interesses da colectividade.

Depois de se falar de assuntos diversos (a situação de Djalma que a Direcção está consciente que não pode desamparar e a compra da carta de Télé a um ou dois associados que nela participaram no início da época passada) a assembleia terminou com a aprovação da nova lista de corpos gerentes que ficou assim constituída:

Assembleia Geral

Presidente — António Alberto Alves; vice-presidente — João B. Barbosa; 1.º secretário — José O. Azevedo; 2.º secretário — José Almeida (Jó).

Direcção

Presidente — Dr. Gomes de Almeida; vice-presidente — Carlos Pinto Oliveira; 1.º secretário — Fernando Victor; 2.º secretário — Manuel A. Pereira; Tesoureiro — Salazar Matos; 2.º Tesoureiro — Renato Vieira. Vogais: Rolando Sousa, Alvaro Braga, José O. Guimarães, Marçal Duarte, Fernando P. Castro e Joaquim Amorim Sousa.

Conselho Fiscal

Presidente — José Sousa Marques; 1.º secretário — António R. Sá; 2.º secretário — Sílvio Sousa.

No S. C. E. trabalha-se com vista à 1.ª Divisão

Estivemos uma destas tardes no Campo da Avenida, transformado em autêntico centro de trabalho.

A volta do campo um grupo de trabalhadores afadiga-se no sentido de colaborar com o Sporting de Espinho na beneficiação do velho parque desportivo.

Neste momento vai adiantada a construção de uma bancada no topo sul. Constituirá portanto a superior-sul, entre a qual e a vedação do terreno de jogo ficará o peão. Estes dois sectores terão entradas independentes, pois para servir o peão vai ser aberta uma porta que dará para uma viela já existente e que entronca na Avenida 2.

Entretanto também já foi alargado o espaço entre as linhas laterais e as vedações, permitindo-se assim, além do mais, maior liberdade de acção aos juizes de linha. A fase posterior dos actuais trabalhos será com vista à construção de outra bancada, a superior-norte, entre a vedação do terreno de jogo e a parede do pavilhão gímnodesportivo.

Não será descuidada a bancada central, pois vai ser ampliada a actual parte coberta, para no conjunto poder albergar cerca de 1500 pessoas.

O campo, que já está a ficar com um aspecto mais gracioso, terá consequentemente uma maior capacidade para assistentes. A estimativa feita faz crer que

comportará, nos dias dos grandes jogos, cerca de 18 000 espectadores.

Ao mesmo tempo que pedreiros e troilhas labutam na construção dos degraus da «superior», no terreno de jogo treinavam-se muitos futebolistas com quem o Sporting de Espinho conta para a nova época.

Lá vimos as já confirmadas aquisições Aníbal e Helder Ernesto, assim como Béné, também ex-F. C. Porto, que no momento em que visitámos o Campo da Avenida nos garantiram estar emminente a assinatura do seu contrato para alinhar pelo clube espinhense.

Fala-se de outros nomes. Confirma-se que Rodrigo (ex-Guimarães) já faz parte dos quadros do clube e que foram enviados para o Brasil umas centenas de dólares para assegurar o contrato com dois futebolistas brasileiros. De Angola também é possível que venham dois bons reforços: Seninho e Chico Gordo. Trata-se de dois esperançosos jogadores que já deram boa prova no F. C. Porto antes de serem chamados a cumprir serviço militar no Ultramar.

O trabalho não para, dentro e ao redor do campo, para que no dia 9 de Setembro, quando começa o Nacional da 1.ª Divisão, tudo esteja a postos para o início de árdua campanha.

VAMOS JOGAR XADREZ

Tal como anunciámos o Grupo de Xadrez da Associação Académica de Espinho, começa hoje a publicar um pequeno curso básico sobre a aprendizagem do xadrez.

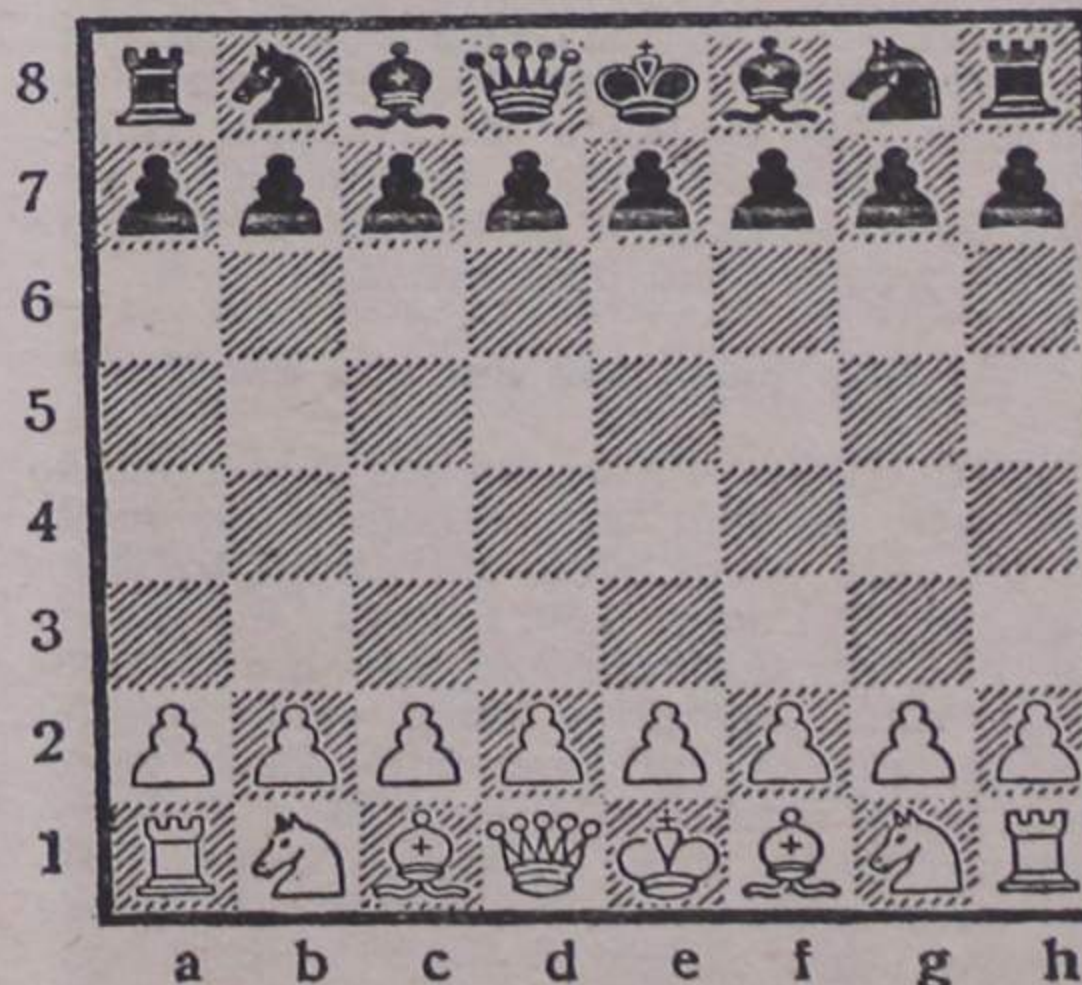
1. GENERALIDADES

O terreno de uma partida de Xadrez é um Tabuleiro. Tabuleiro este de superfície plana, quadrada, repartido em 64 casas iguais mas alternadamente brancas e pretas (ou quaisquer outras cores que façam suficiente contraste).

É jogado entre duas pessoas ou grupos, dispondo cada uma das partes de um conjunto de Peças (16), de duas cores distintas, sendo os seus nomes e as suas quantidades as seguintes:

- 1 Rei
- 1 Dama
- 2 Torres
- 2 Bispos
- 2 Cavalos
- 8 Peões.

Ao princípio da partida, a colocação regulamentar das peças no tabuleiro, que se orienta de modo a ficar uma casa branca à direita de qualquer dos jogadores, é a seguinte:



Observe-se também como está numerado o tabuleiro, o que serve para transcrever e registar lances, reproduzir partidas e estudá-las.

A partir do lado das brancas, e da esquerda para a direita, as colunas são designadas pelas primeiras oito letras do nosso alfabeto, isto é: a, b, c, d, e, f, g, e h. Por sua vez, as oito horizontais, começando do lado das Brancas para as Pretas, são numeradas de 1 a 8.

O conjunto de um número e uma letra, define a exacta situação de uma casa.

Para se referenciar a peça que se move, ou a casa para onde é movimentada tal peça, coloca-se antes da representação da casa, que já vimos, a inicial, em letra maiúscula, em contraste com a que designa uma coluna (letra pequena) da figura jogada, tal como se segue: Rei-R; Dama-D; Torre-T; Bispo-B; Cavalos-C.

Os Peões sofrem abreviação, não sendo necessário qualquer inicial, apenas as coordenadas da posição.

Este é o sistema conhecido por algébrico, no qual os restantes sinais particulares são os seguintes: Captura-x ou : ; o de Roque grande ou pequeno é, respectivamente, 0-0 ou O-O; finalmente o de Xeque é +.

A saída pertence sempre às brancas, jogando depois uma vez cada jogador.

É necessário prestar atenção que quando se toca uma peça para a jogar já se é obrigado a jogá-la (caso essa peça possa ter algum movimento).

(Continua)

Salvador Joaquim Gomes

ASTRÓLOGO

Está na cidade de Espinho, na Rua 16 n.º 113, de 19 a 30 de Agosto
Atende das 15 às 20 horas

O astrólogo português que muitos presságios tem dado e muito acreditado pelas suas afirmações serem certas.

VV. Exas. desejam saber o que os astros reservam para o futuro?
Em negócios, individual ou em sociedades, em viagens, empregos, casamentos, amores, heranças, finanças, tribunais, saúde, familiares, vizinhos, acontecimentos no lar, etc., etc.

Por escrito só no meu escritório em Lisboa na Travessa dos Moínhos, 18 r/c — Telefone 636992.

Amadeu Morais

ADVOGADO

Transferiu a residência e o escritório em Espinho para a Rua 20, n.º 412.

Telefones:

Escritório — 920273
Residência — 922424



«MODERATO CANTABILE» de Peter Brook * França 1960

Todos os cineastas conhecem a importância inovadora que se ficou a dever à Nouvelle Vague que a partir de 1958 começou a florescer em França. A câmara na rua, o regresso a temas e situações de todos os dias, a ausência de grandes vedetas, tudo isso permitiu ao cinema dessa época uma efectiva renovação e revitalização. Mas nem todos os realizadores tinham o fôlego suficiente para se inserir num processo de renovação. É o caso de Peter Brook conhecido encenador de teatro para quem a breve incursão cinematográfica com Moderato Cantabile não foi positivamente um êxito.

CINEMA EM PORTUGAL

NOVOS CAMINHOS

Entrevista com ANTÓNIO CAMPOS

Foi sobretudo depois da realização de Vilarinho das Furnas, que António Campos se tornou conhecido através de um tipo de cinema que, inserindo-se nas constantes do filme documentarista, apresenta igualmente interessantes características específicas. Conhecer o trajecto de António Campos até ao cinema é conhecer também as motivações profundas de um modo de fazer cinema.

— Como veio você até ao cinema?

Eu nasci em Leiria em 1922. Desde muito jovem apaixonei-me sempre pelo cinema, embora não tivesse possibilidade de ver filmes devido à pobreza grande em que fui criado. Contentava-me e encantava-me nessa altura em ver as pessoas a entrarem para o cinema e sobretudo a ver os cartazes. Era talvez algo de artístico patente nestes, o que me atraía. Depois, muitos anos mais tarde, quando ganhei o primeiro dinheiro, um miserável ordenado, é claro que comprei logo uma máquina. Comecei assim a fazer umas experiências e a entusiasmar-me. De paralelo, tinha outros interesses artísticos, que não foram à frente por razões da própria sociedade; eu era funcionário público e gostava de tirar um curso artístico. Ainda cheguei a fazer o exame de Belas-Artes, mas a frequência foi-me boicotado pelo director da escola que eu pretendia frequentar com a intenção de acumular o horário da escola com o do serviço. Portanto essa ideia foi posta de parte. Aliás, nessa altura eram ainda poucas as possibilidades de bolsas de estudo. Por outro lado, eu também não era nenhum aluno exemplar, com manifestações artísticas que pudessem demonstrar as pessoas a investirem capitais nu-

ma coisa que não conheciam. Assim tive de desistir.

Entretanto não esqueci o cinema. O meu primeiro trabalho foi a adaptação de O Tesouro, um conto de Loureiro Botar, escritor natural de Vieira de Leiria, quase um conterrâneo. Eu quase nada sabia nessa altura. Praticamente ignorava o cinema amador. Desconhecia, pois, o padrão do que havia. Sentindo-me, por isso, até um pouco envergonhado e enviei O Tesouro para teste, digamos assim, ao Festival de Carcassone, em França. Acompanhei o filme porque tinha interesse não só em mandá-lo mas também em ver o que por lá se fazia. Ainda hoje me sinto admirado quando me recordo do que então se passou: é claro que vi coisas extraordinárias incomparavelmente melhores que o meu filme. Mas no Festival receberam-me extraordinariamente bem, disseram-me que pela primeira vez tinham visto Portugal sem ser através dos ballados da Nazaré. Gostaram mesmo do filme, deram-me o prémio da esperança e incluíram O Tesouro na projecção final do Festival.

— Isso passou-se em que ano?

Em 1958. Naturalmente fiquei muito contente, mesmo entusiasmado na medida em que, para além da atracção exercida pelo cinema sobre mim, eu sentia que poderia também exprimir-me através dele. Mas pretendia uma confirmação; queria que as pessoas dissessem «sim, você pode continuar». Para não andar a enganar-me a mim próprio, o que é fácil, nem a enganar os outros o que é sempre mais difícil.

Por isso, mesmo, tentei no ano seguinte, em 1959, uma adaptação de ou-

tro conto, este de Miguel Torga, também em 8 mm. Convidei o autor a ver o filme e ele gostou. Para avaliar do meu aperfeiçoamento durante um ano, mandei igualmente este filme a Carcassone e foi igualmente premiado.

— Realizados estes dois filmes de ficção, como explica que tenha enveredado pelo cinema documental?

Justamente, surgiu-me então a oportunidade de fazer um filme no Algarve sobre a vida dos pescadores do atum que se chama Almadraba Atuneira. Foi esse o primeiro filme cuja temática me interessou a fundo, isto é, a vida das pessoas, as suas dificuldades. Entusiasma-me, assim, como nos filmes de tema social, por penetrar dentro das dificuldades das pessoas, das suas necessidades, dos seus pensamentos.

No local das filmagens, passei o período de Março a Outubro, com o objectivo de dar uma paisagem, uma panorá-

(Conclui na página 5)

MASS MEDIA E INFORMAÇÃO (2)

A EDUCAÇÃO DE UM PÚBLICO CONSCIENTE

Os mass media designam os instrumentos da comunicação enquanto dirigidos para uma massa heterogénea e inorgânica. Funcionando ora como meios de expressão (não só artística, mas também ao serviço de valores tidos como fundamentais e inseridos no património cultural de uma colectividade), ora como meios de informação (através de uma relação de factos sejam eles políticos, sociais económicos, culturais ou científicos), eles mesmos, os mass media funcionam como instrumentos de formação e de pressão. Postas perante os mass media, as massas sofrem (sem disso se aperceberem na maioria das vezes) uma acção formativa pela transmissão estruturada e orientada dos valores estabelecidos e reconhecidos por uma maioria. Como diz Roger Clausse, a pressão que os mass media exercem junto das massas organiza-se pela «imposição não escrupulosa de pensamentos, de opiniões, de atitudes, e de comportamentos sociais, utilizando técnicas de alienação e de condicionamento que não se preocupam com o respeito da pessoa humana».

Organizada a bel-prazer de quem a organiza, a informação chega ao cidadão de tal modo estruturada e orientada que deita a perder toda a objectividade e significação real dos factos. O mesmo se passa com maior intensidade na representação filmica. A uma civilização da palavra depara-se nos dias de hoje a civilização da imagem. O mundo óptico é imensamente mais rico que o mundo acústico. Já São Tomás definia o olho como a «porta da alma». Toda a sensação óptica produz maiores ressonâncias e vibrações no mundo psicológico do indivíduo que qualquer sensação auditiva. Mas o mais alarmante é que os detentores dos mass media têm consciência disto. Se por um lado a imagem animada pode ser uma testemunha imparcial dos acontecimentos, ela pode também com a mesma facilidade deformar, inventar até acontecimentos graças à montagem e a artificios bem conhecidos, mas dificilmente percebidos, pelos espectadores incautos. A construção das imagens, e sua conexão pode dar a elas mesmas um significado que não possuem e utilizá-las como meio de propaganda. Diariamente somos espectadores de tais intenções.

Na realidade, a imagem animada constitui uma ilustração de um número muito reduzido de acontecimentos seleccionados e apresentados de maneira arbitrária. Ela é e será a maior traição dos acontecimentos. Os mass media não difundem senão um número de mensagens predestinadas numa orientação determinada. Já no século XVIII o deputado inglês Edmond Burk dizia aos jornalistas instalados numa tribuna da câmara dos Comuns: «Senhores, vós sois o quarto poder». Este poder informativo ou documental é tanto maior quanto as técnicas de difusão colectivas possuem meios mais rápidos de difusão e recolha dos acontecimentos; é por isto que a rádio e a televisão são por excelência, os instrumentos mais eficazes da comunicação

(Conclui na página 5)

SEMANÁRIO
AVANÇADO